



ESCRITA DIGITAL, MEMÓRIA E IMPRESSÕES NO SÉC. XXI

ANDRADE, Tesla C.

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Memória Social
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
teslacoutinho@uol.com.br*

DODEBEI, Vera

*Professora do Programa de Pós-graduação em Memória Social da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
dodebei@gmail.com*

17

RESUMO

Os estudos de memória cultural emergiram com força nos últimos trinta anos impulsionados, entre outros fatores, pelas profundas transformações provocadas pelo avanço das tecnologias digitais - que foram ganhando progressivamente espaço, especialmente nos últimos anos do final do século XX - no mundo contemporâneo. O expressivo aumento da capacidade de armazenamento produziu uma imensidão de arquivos, o que levou alguns pensadores contemporâneos como Aleida Assmann e Andreas Huyssen a levantarem dúvidas sobre se esse acervo é ainda um instrumento de memória ou se já pode ser visto como um gigantesco mecanismo de esquecimento. Nossa proposta neste artigo é, a partir do advento da escrita digital, observar as mudanças ocorridas em três conceitos que compõem os estudos do campo da memória: o tempo, a produção de rastros e a construção de identidades.

Palavras-chave: Memória. Escrita digital. Identidade.

ABSTRACT

Cultural memory studies emerged in the last thirty years inspired, in large part, by the impact of digital technologies in the contemporary world. The significant increase in the storage capacity has produced a multitude of files and some contemporary thinkers as Aleida Assmann and Andreas Huyssen questioned whether this gigantic collection is still an instrument of memory or became an enormous forgetting mechanism. Our purpose in this paper is to observe, through the arrival of digital writing, some changes in three important concepts of the memory field: time, tracks and identity.

Keywords: Memory. Digital writing. Identity.

INTRODUÇÃO.

Neste começo de século XXI, sentimos a angústia de uma nova temporalidade. Vivemos em um mundo acelerado, produtor de excessos, que persegue a instantaneidade, reflexo de um tempo comprimido. Um mundo onde todos estão ao mesmo tempo em todo lugar e em lugar nenhum, na “nuvem”, conectados a uma rede de computadores. Como observa Andreas Huyssen, “há, simultaneamente, tanto excesso quanto escassez de presença.” (HUYSSSEN, 2000, p.28)



Diante deste cenário, projetado a partir da Revolução Industrial, mas que, através do desenvolvimento das tecnologias da informação, vem se estabelecendo em ritmo cada vez mais acelerado nos últimos 50 anos, a memória se destaca como uma âncora a basear as reflexões, inclusive sobre sua própria função na construção do conhecimento.

As mais antigas descrições da memória já se valiam de metáforas de sistemas tecnológicos de registro, que por sua vez refletem a oscilação da história das mídias: de tabuinhas de cera e pergaminhos chegamos à fotografia, ao filme, ao computador. Aqui se define atualmente uma mudança de época em que a principal metáfora da memória, com seus 2.500 anos de existência – a escrita – vê-se rendida pela megatopia da rede eletrônica. (ASSMANN, 2011, p.24)

A transição que acompanhamos hoje da cultura material da escrita para a cultura eletrônica da escrita, conforme descreve Aleida Assmann, muda radicalmente os processos de construção e manutenção da memória até então observados. O desenvolvimento tecnológico permitiu ao homem não só exteriorizar a memória em suportes materiais, mas ampliar quase que infinitamente a capacidade de armazenamento de dados.

A imensidão dos arquivos e a capacidade de armazenar todo o conhecimento produzido na história da humanidade, no entanto, é posta em xeque por diferentes autores contemporâneos. Entre eles, Assmann, que define o arquivo do século XXI – no “fim da era do livro”, como ela costuma tratar a contemporaneidade e suas tecnologias – como um “gigantesco mecanismo de esquecimento”. Visão semelhante tem Huyssen, um estudioso da emergência recente do desejo de memória na sociedade ocidental e do conseqüente aumento expressivo da produção de memória nesta virada de século. Dele, trazemos a seguinte questão: “e se o aumento explosivo de memória for inevitavelmente acompanhado de um aumento explosivo do esquecimento”?

No livro *Espaços da Recordação*, Assmann apresenta a escrita digital como um caminho para explorarmos a questão de Huyssen. Buscaremos, portanto, neste artigo observar os impactos das novas tecnologias na produção de memórias a partir da escrita digital, que, para nós, estará representando também as demais formas de expressão por via eletrônica além do texto, como imagem, áudio, vídeo etc. Dito isso, percorreremos o caminho descrito a seguir pautados por pensadores contemporâneos da memória como Huyssen e Assmann. Diante da cultura de acumulação e armazenamento digitais, Assmann contribui com mais uma questão para nortear a nossa busca: “A escrita digital ainda é um *medium* da memória ou antes um *medium* do esquecimento?” (Grifo da autora). (ASSMANN, 2011, p.441)



Conscientes da abrangência e da atualidade do tema, que se desenvolve e produz novos desdobramentos neste momento em que nos debruçamos sobre ele, não temos a pretensão de obter aqui qualquer resposta. Nossa proposta é, através da observação das mudanças trazidas pela escrita digital, oferecer uma contribuição à análise do quadro contemporâneo a partir de três elementos chave na construção do campo da memória:

- 1) O tempo - A escrita digital e a pressa contemporânea;
- 2) Os rastros – A dupla marca da escrita digital;
- 3) A identidade – Autoria e sobrescrita no mundo digital

Para tal, procuraremos, com o apoio de uma perspectiva histórica baseada nos estudos de Jacques Le Goff, Peter Burke e Asa Briggs, acrescentar às inquietações de Assmann e Huyssen um pouco das análises de Pierre Lévy e Henry Jenkins sobre os impactos das novas tecnologias nas relações humanas, e as ponderações de Michel Foucault sobre o papel da autoria na qualificação dos discursos.

Os estudos de memória cultural (ASSMANN, 2011) emergiram e se espalharam pelo mundo a partir da década de 80. Meio século antes, em 1925, Maurice Halbwachs inaugurara o campo de estudos da memória através de sua obra *Os quadros sociais de memória*, orientando-o no sentido de observar a memória como fator de coesão dos grupos sociais. Esta perspectiva, inovadora na época e ainda hoje referenciada como fundadora e norteadora do campo de estudos da memória, é, no entanto, considerada limitadora e incapaz de dar conta dos problemas do mundo contemporâneo – dinâmico e diversificado -, por se basear em retratos estáticos das representações coletivas do passado.

Os estudos de memória cultural contemporâneos se propõem a interagir com uma realidade dinâmica, na qual os objetos estão sempre em movimento e transformação constantes. São, portanto, orientados pela observação da articulação entre presente e passado em um contexto sociocultural que não para de se modificar. Percorrem desde memórias individuais no contexto de um grupo, até memórias nacionais ou o fenômeno de multiplicação de monumentos e lugares de memória, na expressão de Pierre Nora. São pesquisas *inter* e transdisciplinares, envolvendo campos diversos das ciências humanas, sociais e da natureza, como história, sociologia, arte e comunicação, filosofia, psicologia e neurociências.



1. O tempo - A escrita digital e a prensa contemporânea

“*Você tem três segundos. Me impressione*” é a frase exibida em um cartaz sob a imagem de um adolescente que aponta um controle remoto em nossa direção com um olhar ameaçador. A imagem da propaganda da *Apple Box Productions*, destacada por Henry Jenkins, em seu livro *Cultura da Convergência* (JENKINS, 2006, p. 100), concentra elementos importantes para interpretarmos o mundo contemporâneo. Nela, observamos a urgência de uma situação que sofre a pressão de um tempo comprimido e onde o espaço se expandiu a um limite quase indefinido. O controle remoto – que hoje poderíamos substituir pelo mouse ou mesmo pela ponta de um dedo na tela sensível de um aparelho eletrônico - é o instrumento que simboliza o poder sobre as duas dimensões, o tempo e o espaço.

Aleida Assmann nos apresenta dois grupos de conceitos para abordarmos a memória e seus recursos diante da nova temporalidade do quadro contemporâneo. O primeiro, ela classifica como memória habitada ou memória funcional. É a memória viva, ativa, vinculada a um portador ou a um grupo, com propriedades seletivas. À segunda, ela descreve como memória inabitada ou memória cumulativa. É uma memória de memórias, adormecida, “aquele pátio de lembranças inutilizadas, não amalgamadas, que circunda a memória funcional.” (ASSMANN, 2011, p.149)

A versatilidade da memória funcional pressupõe a sua flexibilidade e Assmann recorre ao processo de aprendizagem do modelo cibernético, descrito pelo cientista político Karl Deutsch, para demonstrar a necessidade de manter fluida a relação entre as duas memórias, num fluxo constante entre a ativa, funcional, e a inabitada, cumulativa. Cabe destacar aqui que a palavra cibernética vem do grego *kybernetiké* e seu significado original é ‘a arte de governar’. É a ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle não só dos organismos vivos, mas também das máquinas. Neste caso, portanto, estamos tratando de observar a gestão de recursos de maneira eficiente:

A capacidade de aprendizagem de um sistema ou organização, isto é, o escopo de uma reordenação interna efetivamente possível, pode ser mensurada com base na quantidade e multiplicidade de recursos auxiliares livres que o sistema ou a organização têm a seu dispor. (BESSEN apud ASSMANN, 2011, p. 149)

No campo da memória, Assmann vê os recursos auxiliares livres descritos pelo modelo cibernético como sinônimo da fluidez da memória funcional. Ela lembra que esse estado se



deve, originalmente, ao surgimento da escrita e a seus desdobramentos ao longo destes milhares de anos.

Ao analisar os modelos mentais de organização do conhecimento de acordo com as diferentes tecnologias intelectuais, Pierre Lévy, baseado em trabalhos de antropologia, nos mostra que, em culturas com escrita, as pessoas tendem a pensar por categorias, compartimentando os elementos daquilo que observam e os separando em blocos aos quais estariam relacionados (LÉVY, 1993, p.93). Já nas sociedades de cultura oral, a visão do mundo é inter-relacionada e os indivíduos veem o conjunto e pensam os objetos dentro de um contexto. Como exemplo da mudança de modelos mentais entre as sociedades de cultura oral e aquelas de cultura escrita, Lévy cita a antropomorfização dos deuses e daquilo que cada um deles representa na mitologia - como a Justiça ou a Memória -, e o surgimento desses conceitos como ideias abstratas e separadas de um contexto narrativo a partir da escrita.

Nas sociedades sem escrita, a coesão dos grupos se dá a partir da preservação e propagação dos mitos de origem, das genealogias das famílias dominantes e do saber técnico (LE GOFF, 2012, p.413). A guarda e transmissão desses saberes está nas mãos daqueles que Le Goff chama de ‘homens-memória’: os chefes de família idosos, bardos e sacerdotes. A exteriorização da memória em suportes materiais, através da escrita, modificou a estrutura de transmissão de conhecimento e liberou recursos da memória. Assmann observa que, em uma cultura oral, “é impensável haver uma distinção entre memória funcional e memória cumulativa”.

Um bom exemplo da dimensão do trabalho de memória das tradições orais nos é trazido por Le Goff. Para demonstrá-lo, ele lembra que “no canto II da *Ilíada*, acham-se, sucessivamente, o catálogo dos navios, depois o catálogo dos melhores guerreiros e dos melhores cavalos aqueus e, logo em seguida, o catálogo do exército troiano”. E cita Vernant para ressaltar que as listas se sucedem em 400 versos compostos, “um verdadeiro exercício de memória.” (LE GOFF, 2003, p.418)

Em uma cultura oral, [...]. Há tão pouco lugar na memória e as técnicas de memorização são tão dispendiosas [...]. Com a escrita, pode-se registrar e acumular mais do que se poderia evocar por meio da recordação. Com isso, distende-se a relação entre recordação e identidade. A diferença entre memória cumulativa e funcional está baseada nessa distensão. (ASSMANN, 2011, p. 150)



Em nosso primeiro exemplo, no qual o rapaz munido de um controle remoto negocia o tempo de sua atenção, vemos um instantâneo do exercício da memória funcional nesta época de excessos. Como observa Huyssen, “a extensão do presente foi se contraindo simultaneamente à expansão da memória” (HUYSSSEN, 2000, p.28). De uma maneira geral, portanto, pode-se estabelecer ainda uma distinção entre as sociedades tradicionais e as sociedades modernas ocidentais a partir de suas diferentes concepções de tempo.

Para as sociedades tradicionais, o tempo é cíclico, marcado por narrativas orais de eventos míticos e religiosos, que se repetem infinitamente, e são celebrados em festas, cerimônias e rituais coletivos. A sociedade moderna, por sua vez, se estrutura a partir de um tempo histórico, linear, através da metáfora da flecha do tempo e seus marcadores: passado, presente e futuro. Sua história, documentada em suportes materiais, é assimétrica, definitiva e irreversível. Nas sociedades tradicionais, a memória está dentro do tempo cíclico e é enraizada nas relações do grupo social.

A história, portanto, é um efeito da escrita, resume Lévy. Mas o mesmo autor observa que essa temporalidade vem sendo comprimida na contemporaneidade e, com isso, estamos assistindo agora à passagem da experiência de viver em uma estrutura temporal com três pontos distintos – passado, presente e futuro -, para uma outra, pontual, compacta, que institui, consequentemente, uma nova relação do homem com a realidade objetiva.

O computador e as telecomunicações correspondem ao nomadismo das megalópoles e das redes internacionais. Ao contrário da escrita, a informática [...] serve à mobilização permanente dos homens e das coisas. [...] A escrita era o eco, sobre um plano cognitivo, da invenção sociotécnica do tempo delimitado e do estoque. A informática, ao contrário, faz parte do trabalho [...] em proveito de uma reorganização permanente e em tempo real dos agenciamentos sociotécnicos: flexibilidade, fluxo tensionado, estoque zero, prazo zero. (LÉVY, 1993, p.114)

Aqui retomamos o exemplo do jovem impaciente e seu controle remoto. Sabemos que um acontecimento se dá na relação entre dois ou mais agentes, onde ambos são afetados de alguma forma. Afetar é deixar marcas, impressões, impressionar. Como descreve Gondar, “se a memória é um processo, o que o deflagra são relações e afetos – em outros termos, são jogos de força” (GONDAR, 2005, p.25). Como uma metáfora da memória e seu processo seletivo, o jovem da propaganda mostra que sua potência é sua capacidade de escolher. Ele tem um controle remoto na mão. E ele não se dispõe a dedicar mais do que três segundos a quem deseje



conquistar a sua atenção. Se impressionado, permanecerá. Se não, partirá para outra direção qualquer.

Neste ponto, Jenkins chama a atenção ainda para a potência do outro lado dessa relação: aquele que impressiona (no caso do nosso exemplo, um anunciante, um programa de TV, um site na internet). Não por acaso, a unidade de medida de valor usada para contabilizar a audiência em sites na internet é também chamada ‘impressão’. A relação se estabelece entre aquele que impressiona e o que é impressionado durante um tempo indefinido, e o valor dessa equação é medido por impressões.

O que nos leva agora ao segundo ponto a explorar neste estudo: o conceito de impressão ganha novos significados no mundo digital.

2. Os rastros – A dupla marca da escrita digital

Em seu livro *Uma história social da mídia*, Peter Burke nos mostra que “uma das consequências mais importantes da invenção da nova técnica de impressão foi envolver com mais intensidade os negociantes no processo de difundir conhecimento”. Em 1500, numa Europa de 100 milhões de habitantes, havia máquinas de impressão em mais de 250 lugares e 13 milhões de livros. No século XVIII, surge a ideia de propriedade intelectual e autoria individual (assunto que trataremos mais adiante), em “resposta tanto à emergência de uma sociedade de consumo quanto à difusão da nova tecnologia de impressão” (BURKE, 2006, p. 61-62).

Queremos destacar aqui o elemento que distinguirá as relações econômicas que definem esse momento – o do despertar da cultura da impressão -, daquelas do momento contemporâneo, alvo de nossa investigação, o da escrita digital. Para abordar a história da leitura e demonstrar que esta atividade foi mudando com o tempo, Burke recorre a historiadores que reuniram evidências das transformações analisando os formatos dos livros, imagens de leitores, notas escritas nos livros, etc. Eram as evidências possíveis, “dado que o movimento dos olhos *não produz qualquer marca* nas páginas” (grifo nosso) (BURKE, 2006, p. 67).

A escrita digital inaugura essa possibilidade que não tínhamos na era do livro: *olhos deixam marcas*. Hoje é possível analisar o percurso de nossos olhos diante de uma tela sensível. Na era da informação, a escrita digital deu à palavra impressão um novo sentido econômico,



relacionado não mais apenas à produção ou ao consumo do conjunto de uma obra, mas também ao registro da atenção do consumidor e ao seu valor correspondente. Impressão é sinônimo hoje do registro de um clique – ou um olhar ou um toque -, e serve para contabilizar nossos passos no mundo digital. Imprimir ainda significa deixar marcas. Mas a maior parte de nossas marcas, rastros, pegadas deixadas hoje - antes de qualquer interpretação que façamos - são nossos movimentos eletrônicos.

Será uma nova escrita? O que ela diria a nosso respeito? Criamos processos e métodos para analisar e interpretar as marcas subjetivas, psíquicas, como a psicanálise. Deciframos o código genético, a herança de nossos ancestrais que carregamos entre gerações. Hoje produzimos rastros eletrônicos. E, de certa forma inconscientemente, deixamos um legado de ações registrado.

A ciência que vai investigar esses rastros ainda está nascendo e não cabe a nós aqui analisar em detalhes a emergência desse novo saber e suas consequências. Mas podemos recorrer ao modelo de uso comercial dos rastros eletrônicos a título de ilustração desse outro viés surgido a partir da escrita digital. Como vimos anteriormente no exemplo do jovem e seu controle remoto, as novas tecnologias são hoje um instrumento econômico poderoso para medir o grau das relações entre produtos e consumidores.

Jenkis nos apresenta um discurso do então presidente da Coca-Cola, feito em 2003 durante evento dirigido a publicitários, como exemplo da estratégia das corporações transnacionais para manter seu público consumidor: “[...] Vamos nos deslocar para ideias que tragam à tona a emoção e *criem conexões* (grifo nosso)”. Com esse objetivo, demonstra Jenkis, a Coca-Cola desenvolveu uma seção em seu site onde os consumidores podiam compartilhar “memórias de família” e “lembranças de infância”, que identificassem o consumidor e a marca de bebidas. É o chamado “capital emocional” ou “economia afetiva”, esclarece o autor. (JENKINS, 2006, p.103-108). A estratégia se baseia no suporte eletrônico da escrita digital, nos rastros que garantem o controle sobre a qualidade dessa relação comercial e também na psicologia cognitiva. É através dela que compreendemos a importância do apelo emocional para a rede associativa que mantém acessíveis determinadas lembranças, como veremos a seguir.

Pierre Lévy esquematizou as temporalidades relacionadas às inovações das tecnologias da inteligência, às quais ele chamou de *Os três polos do espírito*: o da oralidade primária, o da



escrita e o informático-mediático. Com ajuda da psicologia cognitiva, ele nos apresenta os conceitos de memória declarativa de longo prazo e memória de curto prazo. Vale lembrar que Lévy, tendo se inspirado em Bergson, defende os dois tipos de memória baseado nos conceitos bergsonianos de memória-pura, aquela que imagina, e memória-hábito, aquela que repete (BERGSON, 2010, p.85-89). Na psicologia cognitiva, a primeira representa aquele acervo de todas as experiências vividas “armazenadas em uma única e imensa rede associativa”, como descreve Lévy. Enquanto ainda não havia o suporte material externo para a memória, a escrita, manter os registros de experiência vivos dependia da “intensidade das associações” que nos levassem a eles:

Lembramo-nos melhor daquilo que pesquisamos ou da informação que resultou de um esforço ativo de interpretação. A implicação emocional das pessoas face aos itens a lembrar irá modificar, de forma drástica, suas performances mnemônicas. Quanto mais estivermos pessoalmente envolvidos com uma informação, mais fácil será lembrá-la. (LÉVY, 1993, pg. 91)

Lévy ressalta que escrita e armazenamento, ao contrário da memória humana da tradição oral, se aproximam da memória de curto prazo. São, em suas palavras, discursos que se bastam em si mesmos, como se “repetissem incansavelmente, mecanicamente, aquilo que confiamos a eles; sem tentar compreendê-lo, sem conectá-lo a outros elementos de informação, sem interpretá-lo” (LÉVY, 1993, p.91).

No estudo citado, Lévy aproxima os polos da oralidade, aquele das sociedades sem escrita, e o informático-mediático, o atual, da contemporânea era tecnológica. Nos dois cenários, é preciso interagir dinamicamente para manter vivas as associações, a experiência e as relações. A criatividade e a produção compartilhada pelo grupo na construção da memória social são dois fatores que demonstram a aproximação entre os dois polos. O ponto mais evidente de mudança é a velocidade introduzida pela dimensão da técnica.

Na sua análise da contemporaneidade a partir das tecnologias da inteligência, Lévy observa que o modelo digital, em vez de ser lido, como um texto clássico, é explorado. Como sinônimo para esse processo virtual de experimentação interativa, de tentativa e erro, o autor usa o conceito de simulação. Para Lévy, no tempo atual, do polo informático-mediático, que, como vimos anteriormente, ele traduz como pontual, o modelo digital se apresenta conforme sua temporalidade: é um conjunto de etapas, de instantes, “dentro de um processo ininterrupto de bricolagem e reorganização intelectual”.



Ora, a prosa, destronada pelas formas de representação que a informática traz, poderia adquirir em breve o mesmo sabor arcaico [...] que a poesia tem hoje. O declínio da prosa anunciaria também o declínio da relação com o saber que ela condiciona. (LÉVY, 1993, p. 96)

O modelo digital inaugura uma etapa que ainda estamos procurando entender, mas na qual teremos, sem dúvida, nos rastros eletrônicos um elemento importante de investigação. Ao lado deles, outro fenômeno que se instaura na era da escrita digital é o da sobrescrita, associado à múltipla autoria e ainda ao anonimato. Trataremos deles agora.

3. Identidade – Autoria e sobrescrita no mundo digital

Um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (...) ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória. (...) Como afastar o grande risco, o grande perigo com os quais a ficção ameaça o mundo? O autor é então a figura ideológica pela qual se afasta a proliferação de sentido. (FOUCAULT, 2001, p. 273, p.287)

Como vimos, a escrita digital nasce em um contexto dinâmico, no qual a informação é disseminada em fragmentos, passíveis de serem reordenados de acordo com fluxos aleatórios, como em um caleidoscópio. Nesse universo de impermanência, a função classificatória, o filtro de segurança estabelecido pela figura do autor evocado por Foucault, cede lugar para a tecnologia, guiada por códigos que objetivam traduzir o resultado dinâmico das escolhas feitas pela coletividade.

Jenkins recorre ao ‘paradigma do expert’, descrito por Peter Walsh, para ressaltar que nos processos de produção em rede, pela própria estrutura dinâmica e colaborativa, os modelos tradicionais de expertise estão se desfazendo. O uso compartilhado do vasto conteúdo disponível atualmente na internet é o agente desta mudança.

O paradigma do expert exige um corpo de conhecimento limitado que um indivíduo possa dominar. As questões que se desenvolvem numa inteligência coletiva, entretanto, são ilimitadas e profundamente interdisciplinares; deslizam e escorregam através de fronteiras e induzem o conhecimento combinado de uma comunidade mais diversa. (JENKINS, 2009, p.87)

Mas, se por um lado a tecnologia abriu caminho para os processos de inteligência coletiva - para usar outra expressão de Pierre Lévy -, ainda parece nebuloso o reflexo dessa dinâmica no campo da memória. Assmann sugere que a velocidade do avanço tecnológico e o gigantismo das bases de dados reordenadas dinamicamente “nivelaram os limites entre o que fosse essencial e relevante, de um lado, e desimportante e aleatório, de outro”. Com isso,



adverte ela, “a memória cultural teria perdido suas duas forças centrais, intensidade e identidade” (ASSMANN, 2011, pg. 144). Por conta da dispersão e diluição do saber, a memória deixaria escapar assim o seu papel orientador e formador de identidades.

Por outro lado, se a escrita digital e seus reflexos parecem em princípio desestabilizar o conceito de identidade, tanto dos objetos de que trata como dos autores que constroem sua representação, o quadro muda de figura se voltarmos ao modelo cibernético e às possibilidades que se abrem em um contexto de fluidez e flexibilidade na relação entre memória funcional e cumulativa, trazidos pela mesma autora.

O que está em jogo neste momento é o acesso dinâmico entre as duas memórias e as possibilidades seletivas de elementos formadores de um conjunto de representações que componha um painel de identidades. Assmann argumenta que sujeitos – seja um indivíduo ou uma coletividade, um grupo ou uma nação – se constituem, constroem sua autoimagem, através da memória funcional, ao tornarem ativo e disponível o conjunto de representações que caracterizarão o seu passado. A memória cumulativa, aquele depósito adormecido, embora não seja ativa na formação de identidades, é justamente a chave para a revisão ou mesmo reinvenção de um modelo estabelecido de passado. A memória funcional é aquela usada para legitimar a memória política ou oficial, assim como para deslegitimar memórias que não interessem às forças dominantes na ocasião.

A memória cumulativa pode ser vista como um depósito de provisões para memórias funcionais futuras. [...] Esse é também um recurso fundamental da renovação do saber cultural e uma condição de possibilidade das mudanças culturais. [...] Se se mantém aberta a fronteira, chega-se mais facilmente a um intercâmbio dos elementos de uma e de outra e a uma reestruturação dos padrões de sentido. (ASSMANN, 2003, p.153)

Gagnebin nos lembra que a palavra grega *sema*, que quer dizer signo, significava originalmente túmulo. A escrita, observa ela, foi durante séculos a certeza de um registro duradouro – senão eterno – capaz de sobreviver ao autor e garantir a sobrevivência da mensagem (GAGNEBIN, 2006, p.112). Assmann, acrescenta que a escrita era “um meio de eternização não somente para os heróis cantados nos poemas, mas também para o próprio autor”. A mesma autora, no entanto, assinala a mudança de tempos: “A concepção de um registro duradouro de informação é substituída pelo princípio da contínua sobrescrita. [...] A era digital vai arquivar o próprio arquivo como um memorial obsoleto.” (ASSMANN, 2011, p.24)



Considerações finais

Como vimos no breve passeio que fizemos para observar a influência das tecnologias da inteligência que se conjugam neste começo de século XXI na construção de memórias, a nova temporalidade instaura uma época de fluxos contínuos, de instantaneidade e impermanência, assim como de interferências no que é produzido. Essa nova dinâmica desestabiliza os parâmetros de formação de identidades – individuais, de grupos ou de nações - forjados na era moderna.

Na base desse novo cenário se ergue uma estrutura tecnológica que, ao mesmo tempo em que grava e armazena o conhecimento produzido pelos homens, passa a registrar, analisar e armazenar também a própria ação dos homens através dos dispositivos tecnológicos. São duas escritas sobre um mesmo suporte produzindo uma quantidade imensa de dados, que, como pudemos esboçar, já são alvo de análises para fins comerciais e emergem como vestígios da humanidade da era da informação e um novo e vasto campo do conhecimento.

Huyssen investigou a multiplicação de desejo de memória pelo mundo ocidental no fim do séc. XX, através de processos de musealização e de monumentalização, da mercantilização de objetos e do surgimento de uma cultura *retrô*. Um fenômeno que é ressaltado por ele como um contraste com o desejo de futuro que marcou o ritmo acelerado da industrialização na virada do século anterior. A febre de passado estaria associada, sugere o autor, a um mal-estar provocado por “uma lenta, mas palpável transformação da temporalidade em nossas vidas” (HUYSSSEN, 2000, p.25). O deslocamento, segundo ele, de estruturas de percepção, diante de uma sobrecarga informacional e sensorial para a qual não estávamos preparados.

Na linha de pensamento de Huyssen e insistindo na lógica cibernética de que a agilidade do sistema está diretamente relacionada à liberação de recursos auxiliares, acreditamos que uma pista para a resposta ao problema inicial do equilíbrio memória/ esquecimento no mar de arquivos do mundo contemporâneo está no aprendizado, na vivência desse novo modelo espaço/temporal. Como observa Huyssen, espaço e tempo são categorias fundamentais da percepção humanas, mas não são imutáveis. A memória, ressalta ele, “é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social”.

A partir dessas observações, entendemos - ao contrário das advertências de Pierre Lévy na época em que escreveu *Tecnologias da Inteligência*, no começo dos anos 90, quando chegou a se perguntar sobre a pertinência da própria noção de memória, “tão objetivada em dispositivos



automáticos” – que o campo da memória é hoje mais rico do que nunca. Como vimos na descrição de Assmann a respeito do conceito de memória cumulativa, tudo o que está armazenado é potencialmente um recurso para ser resgatado pela memória funcional.

A autora recorre ao historiador Lutz Niethammer para nos apresentar o conceito de resquícios, uma memória involuntária que não se prestaria mais à consciência. Restos esquecidos em algum lugar do inconsciente. Esquecidos, mas não eliminados ou extintos.

Nada se esquece por completo, mas todas as percepções, por mais que estejam empalidecidas, recalçadas ou borradas, acabam por sedimentar-se nos vestígios da memória, sendo possível, em princípio, resgatar esse sedimento de novo. (NIETHAMMER apud ASSMANN, 2011, p.155.)

A velocidade com que nos relacionamos com a realidade objetiva e ainda a possibilidade técnica de produzir, reproduzir e modificar o conhecimento produzido, trazem novos desafios que certamente vão requerer a conjugação de saberes tradicionais e, muito provavelmente, o surgimento de novos campos de saber interdisciplinares e transdisciplinares para compreendê-los.

Nenhuma teoria única fornece um guia completo para o reino contemporâneo das tecnologias da comunicação de alta definição, de interação e mutuamente convergentes, nas quais as relações, sejam elas individuais ou sociais, locais ou globais, estão em fluxo contínuo. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.23)

O mundo contemporâneo, o desenvolvimento tecnológico, a cultura de massa e a mídia virtual são obra nossa. Como propõe Huyssen, nosso papel é arregaçar as mangas e mergulhar nesse excesso de memória para distinguir o que ele chamou de passados usáveis daqueles que seriam dispensáveis. O autor destaca ainda de forma positiva o potencial de renovação que as atuais críticas de memória oferecem às questões de minorias e gêneros e também na revisão de histórias de dominação, tornando possível outros desenhos da história.

Como resume Aleida Assmann, definimo-nos a partir do que lembramos e esquecemos juntos e os estudos de memória cultural têm lugar privilegiado neste trabalho.

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.



- BERGSON, Henri. *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- ERLL, Astrid; Nünning, A. *Cultural memories studies*. Berlin, Deutschland: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2008;
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, M.B. (Org). *Estética, literatura e pintura, música e cinema*. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GAGNEBIN, J.M. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: _____. *Lembrar escrever esquecer*. Tradução Suzana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2012.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Tradução Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Tradução Suzana Alexandria. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... (et al). 6ª Edição. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.
- VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos míticos da memória. In: _____. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.